



XVI – A Torre (A Casa de Deus): esta carta do tarot de Marselha pode indicar tendências egoístas e egocêntricas, bem como pessoas excessivamente orgulhosas; ela também representa duas coisas muito importantes no caminho da felicidade: necessidade de um constante controle financeiro e equilíbrio emocional; A Torre significa necessidade de aprendizado, principalmente para lidar com as inseguranças comuns do dia a dia.

O esconderijo

Rafael Fontes Gaspar

A primeira cena do dia,
a luz do sol.

Café da manhã,
na praça,
pombos, ratos e pipocas.
Uma fauna infernal!
O coreto, a fonte e a sombra,
na paisagem urbana,
o oásis do andarilho.
No mesmo lugar,
os malandros perambulam.
É hora de partir.

A rua
na selva de concreto e aço.
O labirinto
entre placas, letreiros, setas, semáforos,

andorinhas, árvores e nuvens passageiras.

O outdoor me guia,
o azul do céu,
o cinza da fumaça,
o som da rua,
as buzinas e sirenes,
o grito dos loucos
e “uma dose violenta de qualquer coisa”.

Uma intoxicação dos ruídos, das luzes e dos cheiros,
das comidas e do mijo dos bêbados impregnado nas travessas.

12

Restaurantes, bares e mesas,
jovens e estudantes,
servem-se aos prazeres da mesa e do álcool.

Vestem roupas antigas de brechó,
botas, ternos, lenços e chapéus.

O resto das comidas sobram no pratos,
bifes, saladas, hambúrguers e batata fritas,

acompanhadas de copos de cerveja, taças de vinho, xícaras de café,
com charutos e cigarros.

Sentar-se à mesa sem ser notado,
eis a “gastronomia do olhar”.
Às vezes como bem, às vezes mal.
O que sobra, os restos.
Nada se perde, nada desprezo.

Fascínio e obsessão,
de recolher objetos perdidos pela cidade.
Pequenos brinquedos, televisões antigas e manequins.
Trocas, antiquários, objetos colecionáveis, vendas e memórias perdidas.

Na banca de jornal, pela manhã,
o cigarro e a desgraça circulam.
Uma cega conta as tragédias do bairro.
A notícia, o roubo na farmácia.

Na calçada,
por acaso, vagando com a sorte, ao virar a esquina,
um imenso outdoor escrito: “Viva o lado bom da vida!”

Abaixo, um bueiro com a tampa aberta.
É um sinal! Logo, entro e fecho a tampa.
Encontro uma pequena pausa, entre a noite e o dia.

Mas, preciso voltar às ruas,
buscar a mala empoeirada,
carregada de sonhos e esperanças que deixei para trás.
Percorrer o centro antigo, visitar as construções abandonadas, desmanchar as
estantes, mesas, portas e carregar as lembranças perdidas em caixas de papelão com
os bonecos, carrinhos e caminhões, sem pernas e sem rodas.

A despedida na cidade.
No dia, a tarde, a chuva e o sol,
na imagem do arco íris, o encontro de Deus com a terra.
Dia pleno, leve, sublime e a rua como fonte de experiência, única.
Muitas cores, o céu de outono e a lua preguiçosa.
Anoitece, hora de voltar.

Dentro do esconderijo com a tampa fechada,
o lugar acolhe os meus sonhos, imaginações e prazeres,
a coleção de brinquedos, a estante improvisada,
pedaços de pão velho, as guimbas de cigarro e um resto de conhaque.

A luz da vela,
o espírito adormece.
No íntimo,
o silêncio da noite.

Um lampejo!
O eco de vozes,
de gritos, inconfundíveis e solitários.
A vela apaga. São fantasmas, não me escutam!
Surge uma segunda noite no mesmo dia,
ruídos reverberam pelas cavidades.
No íntimo, o estranhamento.
Pergunto-me, será que tenho companhia?
“Aqui não há ninguém e alguém.
Estou oculto e não estou”.

Escuto relâmpagos.
Uma tempestade paira sobre minha cabeça.
Uma torrente de água escoar nos meus pés, o fluxo aumenta.

Estou sem saída!

Obrigado a passar uma noite no inferno, no Hades urbano.

Nos labirintos do palácio subterrâneo
do deus do pesadelo e da loucura,
onde escoam as forças da cidade,
que a atravessam e me arrastam, para o fim,
no lago de lágrimas dos pecadores,
onde não terei sequer uma moeda para o barqueiro que me espera.

Na pele,
a lama,
suja e fétida.
Engolido pela boca do inferno,
na selva escura do pecado,
sem cessar, ao meu lado, o demônio se agita.

Poderia o céu estar às avessas?
A casa da criança na árvore, invertida?
Construída debaixo da terra e regida pelo signo de Saturno?

Quem sou “eu”? Agora, não importa!
Desmancho-me junto com as coisas.

Estou morto, agora sou fantasma.

“Cidade monstruosa, noite sem fim”.

Sinto o poder da força subterrânea,
da força que emana, onde os metais mais preciosos são extraídos.

Esse buraco, “intestino de Leviatã”, encarnou toda a minha vitória, derrota e esperança
de vida, “cloaca do inferno”!